

Militante

BOLETIM DE ORGANIZAÇÃO DO P.C.P.

Por novas lutas de massas

As greves de 1942, as de julho-agosto de 1943 e os movimentos populares em todo o país, têm dado bastante experiência revolucionária aos militantes do nosso Partido. Vê-se claramente que o nível político de todo o Partido aumentou muito depois da reorganização e particularmente no último ano que foi rico em movimentos de massas. Mas, apesar da experiência ganha nessas lutas e da subida do nível político dos nossos militantes há ainda bastantes deficiências da parte de muitos camaradas e de bastantes organizações locais. Ainda há muitos sectores do Partido que vivem isolados das massas até ao ponto de assistirem a movimentos massivos sem lhes darem a importância devida. O resultado disto é termos andado a reboque nalguns movimentos e noutros seguir uma tática errada que nos afasta das massas. As greves e os movimentos populares no nosso país devem ser para todos os camaradas um estímulo para novas lutas. Não podemos adormecer sobre as heroicas jornadas do ano passado e hoje mais do que nunca devemos intensificar novas lutas inteiramente dirigidas pelo nosso Partido. Serão essas lutas que farão com que o Partido seja olhado por todos os portugueses como o campeão da luta contra o fascis-

mo de Salazar e como o verdadeiro defensor das classes laboriosas. O agravamento da crise económica no nosso país é cada vez maior. O mal-estar e o descontentamento abrangem todas as classes. O proletário, o camponês, o comerciante e o pequeno lavrador vivem pior que nunca. A maioria das reivindicações que levaram os operários e os camponeses ao movimento de julho-agosto não foram ainda satisfeitas. Isto quer dizer que as aspirações e necessidades das classes trabalhadoras continuam de pé e que só pela intensificação de novas lutas o fascismo cederá. Isto quer dizer que todos os nossos quadros precisam de fazer uma revisão muito séria a toda a sua actividade revolucionária e que os camaradas que têm feito um trabalho fechado, desligado das massas, precisam de se ligar intimamente a elas, lutar com elas e de as dirigir. Só assim poderemos fazer um bom trabalho e «fundir» o Partido com as massas.

Muitos camaradas julgam que fazem um bom trabalho passando o «Avante!» e angariando fundos para o Partido. Isto é alguma coisa mas não é tudo. Os camaradas que limitam a sua actividade a isto, deixam o mais importante por fazer — o trabalho de massas. Os camaradas que dentro do Par-

tido só difundem o «Avante!» e arrastam dinheiro, provam-nos que leem a nossa literatura de tudo a que não a discutem com os outros camaradas, que não a estudam e que não procuram aplicar os ensinamentos da nossa literatura aos problemas da sua localidade, dirigindo e levando novos movimentos de massas à prática. Muitos camaradas dizem: os que não existem condições de luta e os seus sectores de trabalho. A experiência prova-nos que isto não é exacto. Nós sabemos que em todos os locais há problemas económicos ou de outra espécie que estão por resolver e que só nós seremos capazes de guiar as massas no sentido da luta contra a exploração de que são vítimas. Ainda há pouco, numa aldeia onde existe uma organização local, os camaradas nos afirmaram que ali nada se poderia fazer. E contudo esses camaradas acabavam de perder uma esplêndida oportunidade de dirigir um movimento legal em que estavam interessados todos os habitantes dessa localidade. Tratava-se do pagamento da cóngrua (contribuição paga pelo povo à igreja para o sustento do padre). Esse pagamento costumava ser feito em milho todos os anos. Este ano os camponeses não o tinham e pediram para pagar em dinheiro. O padre acedeu, mas exigiu que o fizessem ao preço do mercado negro, isto é, 8 vezes mais caro que o preço da tabela. O povo negou-se a fazê-lo. E o que fizeram os nossos camaradas? Levaram o questão para a chácota e nem sequer falaram do assunto entre si como um problema a estudar. Limitaram-se a criticar o pagamento da cóngrua, aconse-

lhando o povo a não a pagar. Isto foi um erro tático que deu origem a que o povo dessa localidade (que é profundamente católico) olhasse os nossos camaradas com desconfiança. Se os nossos camaradas tivessem estudado o movimento e aconselhado o povo a pagar a cóngrua em dinheiro, mas lutando contra a especulação do padre eles teriam dirigido acertadamente esta luta. Assim, desligaram-se das massas e não souberam ganhar a sua confiança.

Este exemplo mostra-nos como nas mais pequenas localidades existem condições de luta, embora alguns camaradas digam o contrário. Agora citaremos um outro exemplo para mostrar como nas fábricas ainda há camaradas que não se ligam às massas isolando-se delas. Numa fábrica onde temos um camarada, os operários são obrigados a trabalhar horas extraordinárias. O patrão não paga a maior parte destas horas. Todos os operários protestavam contra esta exploração. O nosso camarada resolveu obrigar o patrão a pagar essas horas extraordinárias. Sem ter falado com os outros operários dirigiu-se ao fiscal do horário de trabalho e fez a reclamação. O patrão foi multado. O gerente começou a perseguir o nosso camarada e pouco depois deixou de lhe dar trabalho. Os outros operários não tomarão parte nesta luta em que o nosso camarada ficou vencido porque se encontrava isolado. Se ele tivesse conversado com os outros operários e formassem uma comissão eleita por todos e exigisse o pagamento das horas extraordinárias para todos o patrão seria obrigado a pagar, os operários unidos

saíram vitoriosos desta luta contra a exploração patronal e não pode já haver a perseguição patronal. Estes dois exemplos servem para nos demonstrar como ainda há camaradas que não compreendem que o nosso trabalho deve apoiar-se sempre nas massas.

«Por-se reconhecer como norma — disse a nossa camarada Stáline — que enquanto conservem o contacto com as grandes massas do povo, os bolcheviques serão invencíveis. E, pelo contrário, quanto se desli-

guem das massas e percam o contacto com elas, quando se deixam cobrir de ferrugem burocrática, perderão toda a sua força e ficarão enfiados.»

As palavras do nosso camarada Stáline mostram-nos que precisamos dedicar a maior atenção ao trabalho de massas. Esta é a condição fundamental para que o nosso Partido se possa considerar um Partido forte, capaz de dirigir as mais amplas camadas do povo até à sua libertação.



Pela elevação do nível político e de direcção das organizações e membros do Partido

DEPOIS dos últimos movimentos grevistas da classe operária e dos trabalhadores do campo; depois da realização do Congresso do nosso Partido; e com a constituição do Conselho Nacional de Unidade Anti-fascista; — as tarefas e responsabilidades de todos os camaradas do Partido aumentaram consideravelmente. Senão vejamos:

A crise e contradições do estado fascista da Salazar apertam-nos cada vez mais. Todas as camadas laboriosas e progressistas de Portugal dão provas a todo o momento do ódio que têm ao fascismo. Sentem-se cansadas da opressão salazarista e procuram o melhor caminho para saírem desta situação. Mas o estado fascista continua a descarregar, para cima dos ombros do povo, todo o peso da sua política fascista e traiidora.

Por outro lado, as massas trabalhadoras da cidade e do campo, assim como as restantes camadas da população, olham cada vez

mais para o Partido, vendo nele, depois de tantos exemplos dados, o seu melhor guia e o seu mais acérrimo defensor. Por isso, confiam nele, por isso se juntam mais à sua volta e não duvidam de que sem o Partido não há derrubamento possível do fascismo, não há libertação possível do povo português.

Ainda dentro destes aspectos, podemos dizer que existem actualmente organizações, agrupamentos e individualidades que ontem não queriam nada com o Partido, olhando-o com muita desconfiança e que estão hoje unidos ao Partido, reconhecendo no Partido uma força com que há que contar para o derrubamento do fascismo, reconhecendo que é efectivamente o Partido o mais decidido campeão na luta contra o fascismo, o mais decidido campeão do movimento de unidade nacional antifascista.

As perspectivas do derrubamento do fascismo salazarista e

do estabelecimento dum regime democrático no nosso país são cada vez maiores. Mas para que estas perspectivas possam ser aproveitadas e para que todos os membros do nosso Partido, e particularmente os quadros de direcção (CC, Comités Regionais, Locais e de zona e direcção de células), possam estar à altura das novas responsabilidades e circunstâncias, há que pôr em pratica as seguintes tarefas:

1 — Elevação do nível político e capacidade de direcção de todos os membros do Partido, por intermédio do estudo aturado de todos os materiais do Partido, por intermédio de todas as obras que podemos obter de Marx, Engels, Lênine e Stáline e de outros trabalhos marxistas-leninistas, ligando este estudo à nossa actividade prática diária, em ligação estreita com as massas trabalhadoras e anti-fascistas do nosso país.

2 — Ligação cada vez mais estreita com a classe operária e com as massas trabalhadoras, sabendo a cada passo aproveitar as experiências da luta de massas, dando o máximo valor às iniciativas das massas, ouvindo as massas, aprendendo com as massas.

3 — Reforçamento da nossa actividade partidária.

4 — Redobrar o nosso amor e

dedicção ao Partido, dispondo-nos cada vez mais a dar-lhe a vida se tanto for necessário.

5 — Defender sempre de modo intransigente a linha do nosso Partido, lutar efectivamente para a sua aplicação prática, velando ao mesmo tempo pela unidade dentro das fileiras do Partido, lutando sem tréguas contra tudo que possa ameaçar esta unidade.

6 — Reforçar ao máximo todas as medidas conspirativas, assegurando assim a defesa de todos os camaradas e organizações do Partido.

7 — Estudo, cada vez mais aperfeiçoado, por parte de todos os camaradas e organizações do Partido, do sector ou aspecto de trabalho partidário que nos é destinado, para garantia da justa aplicação da linha do Partido, para melhor garantia da defesa dos interesses do nosso povo.

Estas são algumas das tarefas de cujo cumprimento depende a elevação da capacidade política dos militantes e organizações do Partido, de cujo cumprimento depende que cada camarada e organização esteja à altura da presente situação e das horas decisivas que se aproximam, para a vida do nosso Partido, para a causa da classe operária, para a causa anti-fascista.



Organização da resistência camponesa contra a nova ofensiva patronal e fascista

Em 14 de maio de 1943, o governo salazarista, que defende os interesses dos grandes proprietários da terra contra os trabalhadores, publicou um «despacho» que estabelecia salários de fome para os

trabalhadores do campo. Os patrões viram-se impotentes para impor os salários taboados nesse despacho, porque em quasi todo o país e particularmente no Ribatejo os camponeses resistiram à

oensiva de fome, negando-se a trabalhar e não recuando diante da repressão desencadeada pelo fascismo. O Partido teve nessa luta um papel honroso, dirigindo os camponeses, quer por via da organização, quer por um manifesto de que foram distribuídos 20 mil exemplares.

Mas, apesar dos lados positivos do trabalho do Partido nessa luta camponesa, houve lacunas graves na actividade das organizações partidárias das regiões rurais que, na maioria dos casos, não estiveram à altura dos acontecimentos, não souberam mobilizar e dirigir convenientemente as massas camponesas, não souberam organizar o apoio do proletariado e de outras camadas da população à luta dos camponeses.

Estas deficiências devem estar bem presentes no espírito dos nossos camaradas das organizações das regiões rurais e (agora que os grandes agrários e o fascismo preparam uma nova ofensiva contra os salários dos trabalhadores do campo numa nova tentativa para aplicarem as tabelas de 14 de maio de 1913) eles devem desde já começar activamente a mobilizar e a organizar os camponeses para a luta.

As organizações partidárias de camponeses têm a este respeito um papel importantíssimo a desempenhar. Os camponeses militantes do Partido devem desenvolver entre os seus companheiros de trabalho a mais intensa agitação para que resistam à nova ofensiva que os patrões e o fascismo e tão preparando.

Os Comitês Locais devem destacar militantes (e preferencialmente camponeses) que estabeleçam re-

lações regulares com os camponeses das respectivas regiões, explicando-lhes o que devem fazer logo que os patrões ofereçam jornas mais baixas. Os camaradas devem explicar aos camponeses a necessidade de resistirem a todas as tentativas para se aplicarem os salários da tabela de 14 de maio. Devem explicar o significado político do tabelamento miserável dos salários, dizendo que ele mostra que o governo de Salazar está contra o povo, que é um governo dos grandes capitalistas e senhores da terra, inimigos dos trabalhadores. Devem explicar-lhes a necessidade de se unirem, pois que na união está a sua força. Devem aconselhá-los a reunirem-se nos campos e nos largos das aldeias, com as mulheres e os filhos, e fazerem Marchas da Fome que vão junto das autoridades, Casas do Povo, Administração do Concelho, Câmara Municipal, e em frente das casas dos patrões onde for possível, exigir que sejam pagos salários que permitam viver. Devem aconselhá-los a que procurem arrastar ao seu movimento os regedores das freguesias e os padres. Devem aconselhá-los a que combinem que **ninguém vá trabalhar no caso dos patrões oferecerem salários de fome**, insistindo em que os patrões não podem passar sem os camponeses e que, no caso de ninguém ir trabalhar, os patrões se verão obrigados a pagar jornas mais altas. Devem aconselhá-los a que, no caso dos patrões e autoridades mandarem seguir forças da Guarda Republicana e da Polícia para as aldeias para obrigarem os camponeses a trabalhar, devem tocar os sinos a rebato, juntar-se e re-

cusar-se a trabalhar.

Eis algumas questões que as organizações das regiões rurais devem colocar aos camponeses.

Qualquer manifesto dirigido aos camponeses que o Partido vinha a editar (se as circunstâncias o

aconselharem) deve ser **amplamente distribuído** nos campos e nas aldeias, em sítios onde possam ser encontrados pelos camponeses, por debaixo das portas das casas dos trabalhadores, pendurados em árvores e plantas.



É necessário reforçar o trabalho ilegal

UNS anos atrás, a maioria dos militantes do Partido não compreendia a necessidade de conduzir uma luta legal, fechava-se numa actividade exclusivamente ilegal, fechada, sectária, separada das massas. Felizmente que hoje a maioria dos militantes do Partido, a maioria das organizações do Partido, tem uma compreensão justa da actividade legal, dirigem muito justamente os seus esforços para uma actividade de massas, combinando em muitos casos com inteligência e senso político a actividade legal e ilegal. Mas alguns camaradas, entusiasmados pelos grandes sucessos da actividade de massas legal e semi-legal desenvolvida pelo Partido no último ano, entusiasmados pelo facto de milhares e milhares de trabalhadores estarem seguindo o Partido e deste dirigir abertamente as lutas das classes laboriosas, quasi esquecem que, hoje mais que nunca, o fascismo persegue o nosso Partido, e lança contra nós um ataque brutal da policia, e aprofundam os métodos de actividade ilegal.

Por outro lado, o grande desenvolvimento do Partido trouxe às nossas fileiras muitos camaradas que nunca tinham militado em organizações ilegais e trabalhadores sérios e capazes sem experiên-

cia da luta ilegal. Muitos dos novos militantes do Partido são homens ligados estreitamente à sua classe, defensores dedicados da classe operária, que se revelaram no decurso de lutas reivindicativas de massas. Isso são qualificações preciosas num comunista e os quadros e organizações do Partido enriqueceram-se extraordinariamente nos últimos tempos com estes novos militantes. Estes trabalhadores ligados às massas, muitas vezes verdadeiros dirigentes de massas, são o tipo desejável dos militantes comunistas e é entre eles que se deve desenvolver sobretudo o recrutamento para o Partido.

Mas a adesão ao Partido de militantes operários cuja experiência de luta é fundamentalmente legal e semi-legal (luta reivindicativa nas fábricas, comissões legais, agitação legal e semi-legal acerca da situação dos trabalhadores, etc) a constituição de células de empresa à base dos operários mais destacados na luta reivindicativa, exige uma intensa preparação desses camaradas no sentido de saberem distinguir a luta legal da luta ilegal, de, ao mesmo tempo que continuam a desenvolver com vigor crescente a sua actividade legal e semi-legal, se adaptarem às exigências de disciplina e cons-

pirativas da organização partidária.

É necessário saber distinguir os processos democráticos e legais da luta de massas, no actual momento, dos processos conspirativos e ilegais nas organizações do Partido. Hoje mais que nunca se torna necessária uma compreensão nítida de como se deve associar o trabalho ilegal com o trabalho legal.

Duas tendências erradas se estão manifestando no Partido.

A primeira: Alguns camaradas estão adoptando, dentro da organização do Partido, os métodos de trabalho legal nas fábricas e oficinas, as formas de actividade aplicadas com sucesso nas lutas reivindicativas. É assim que, por exemplo, se têm feito reuniões ampliadas de membros do Partido, numa ou de várias fábricas, ficando-se a conhecer como membros do Partido. Em muitos casos (localidades, fábricas, bairros, etc.) cada membro do Partido conhece camaradas (sabendo que são membros do Partido) quando não tinha necessidade de conhecê-los. Em muitos casos, facilitam-se os encontros, os sistemas de ligações, as visitas a camaradas, etc. Em muitos casos, a pretexto do trabalho legal, os camaradas estabelecem desnecessárias ligações partidárias. Isto é uma tendência perigosíssima particularmente em organizações jovens que ainda nunca sofreram os golpes da repressão, pode pôr em perigo a segurança e a continuidade das organizações partidárias e conduz ao esquecimento de que o inimigo nos espreita a cada momento para nos atacar, ao relaxamento das regras conspirativas, ao afrouxa-

mento da disciplina. Torna-se, portanto, necessário estabelecer uma séria obediência aos princípios orgânicos do Partido, às regras conspirativas, à disciplina. Torna-se imprescindível um urgente reforçamento de todos os métodos ilegais do Partido.

A segunda tendência errada: Alguns camaradas estão conduzindo numa forma quasi legal uma actividade nitidamente ilegal. É assim que desvendam com facilidade às massas a sua qualidade de membros do Partido, distribuem imprensa ilegal, sem os necessários cuidados, conduzem uma actividade legal em que se revela demasiado que é o Partido, a organização ilegal do Partido, que anima essa actividade legal. Esta tendência é igualmente muito perigosa, expõe os quadros do Partido, as organizações do Partido, à ofensiva da policia e compromete todo o trabalho legal. Esta tendência torna igualmente necessário um urgente reforçamento de todos os métodos de trabalho ilegal do Partido.

O reforçamento do trabalho ilegal do Partido, o reforçamento do carácter ilegal de todo o funcionamento orgânico do Partido, o cumprimento rigorosíssimo de todas as regras conspirativas, são condições indispensáveis para que o Partido mantenha a sua unidade politica e orgânica, a sua força combativa e dirigente nas condições de terrorismo fascista, são condições indispensáveis para que o Partido possa ligar-se às massas trabalhadoras e dirigi-las. São condições indispensáveis para que o Partido possa conduzir com sucesso uma ampla actividade legal e semi-legal e, particular-

mente, as lutas reivindicativas de massas.

Distribuição indirecta do "Avante!"

TODAS as organizações do Partido devem fazer um esforço no sentido de aumentarem a distribuição indirecta do «Avante!». Isto é: há que levar o «Avante!» ao conhecimento de operários, camponeses e indivíduos de outras classes com quem não temos ligação ou que conhecemos sem no entanto termos a confiança necessária para lhes entregarmos um «Avante!». Por isso deve ser aconselhado a todos os que recebem o «Avante!» que nunca inutilizem o jornal (a não ser que tal se torne necessário por razões conspirativas). Uma vez lido o «Avante!», se não se conhecer nenhum simpatizante a quem se possa passar, deve meter-se de noite por debaixo da porta dum trabalhador, deixá-lo num lugar onde trabalhem ou passem trabalhadores; envia-lo pelo correio, etc. Seria do máximo interesse que os camaradas e simpatizantes que fazem esta distribuição indirecta tivessem em conta os artigos que vêm em cada número. Assim, por exemplo: No número de determinada quinzena vem um artigo sobre os pequenos comerciantes; seria interessante fazer chegar esse número (pelo correio, por debaixo da porta, etc) a um pequeno comerciante que se saiba ser anti-fascista mas em quem não existe a confiança necessária para vender um jornal. Num outro número vem, por exemplo, um artigo interessando os clubes recreativos; seria útil envia-lo a direcções de clubes recreativos. Com esta orientação, a

distribuição indirecta do «Avante!» atinge mais completamente os seus objectivos.

«Todas as organizações do Partido devem facilitar o alargamento da organização, dando indicação de camaradas ou simpatizantes sérios que conheçam noutras localidades, estabelecendo contacto com eles ou preparando a abordagem desses elementos por agentes de ligação do Partido.»

(Da «Resolução sobre a questão de organização» do Congresso do PCP, cap. 2, 5)

«Interessa atrair à organização do Partido trabalhadores honestos, com prestígio entre os seus companheiros de trabalho, conhecidos pela sua conduta séria sob o ponto de vista de classe em relação ao patronato e ao fascismo. Cada escalação do Partido, particularmente as células de empresa, devem exercer a sua acção de captação e atracção ao Partido principalmente sobre aqueles que se evidenciam pela sua pegão em defesa dos interesses das massas trabalhadoras. O Partido deve atrair à organização os melhores elementos da classe operária. Não são os palradores e os «comunistas de língua» que interessam à organização, mas os trabalhadores com consciência de classe.»

(Da «Resolução sobre a questão de organização» do Congresso do PCP, cap. 5, 3)